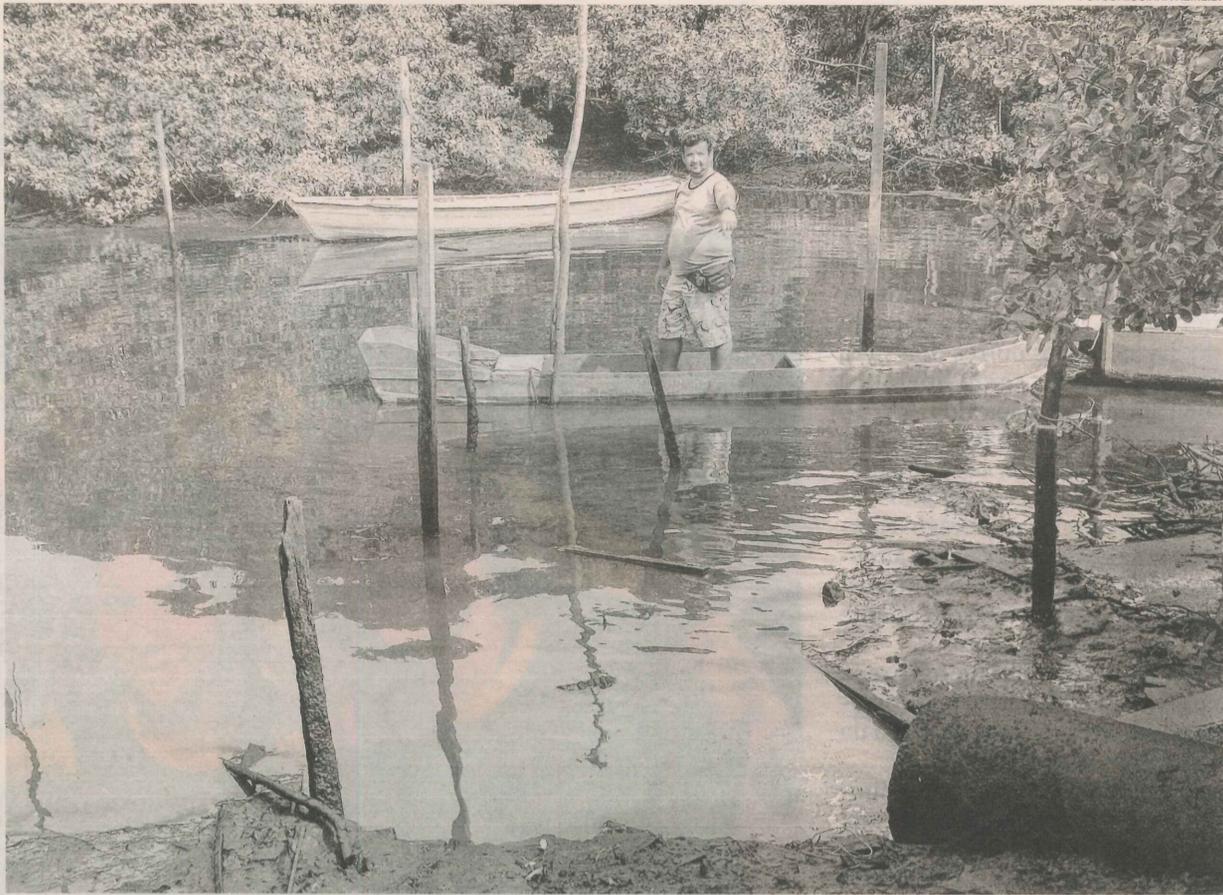


FOTOS: LUCIANA ALMEIDA



GENILTON Nunes, da Associação de Marisqueiros, disse que o trabalho de cata só garante o consumo próprio

A TRIBUNA COM VOCÊ EM GOIABEIRAS

Ostras somem de mangue e famílias ficam sem renda

Siris e caranguejos também estão cada vez mais raros. Sem a cata, marisqueiros têm de procurar outro trabalho para sobreviver

Luciana Almeida

Marisqueiros que viviam do dinheiro gerado pela cata de ostra do manguezal de Goiabeiras, em Vitória, tiveram que encontrar outra fonte de renda para sustentar suas famílias e abandonar a antiga profissão.

Cerca de 50 trabalhadores foram obrigados a substituir essa atividade por outra. É que há 10 anos, cada um desses marisqueiros conseguia retirar do local aproxima-

damente 10 quilos de ostras por semana, segundo o presidente da Associação dos Marisqueiros de Goiabeiras, Genilton Nunes Rangel, 45 anos.

“Hoje, a cata de ostras, siris e caranguejos é feita apenas para consumo próprio, pois não há quantidade suficiente para venda”, disse.

Segundo ele, o sumiço desses mariscos deve-se ao fato de o manguezal estar sendo contaminado pelo esgoto do bairro, lançado diretamente no local.

“Os moradores pagam pelo serviço de tratamento, e o esgoto continua poluindo o mangue”, disse.

A poluição, no entanto, traz outros problemas para a comunidade de pesca do bairro, e pode colocar em risco a saúde das pessoas que o consomem, segundo o presidente da associação.

“Antes, para quebrar a casca do

caranguejo, era preciso usar um martelinho. Hoje, é possível quebrá-la com o próprio dente. A casca do caranguejo ficou muito enfraquecida por causa da contaminação”, comentou Genilton.

Outro exemplo citado por ele para explicar a contaminação do manguezal é o aparecimento de peixes, como a tilápia, na região.

“A tilápia é um peixe tipicamente de água doce, e aqui no manguezal a água é salgada. Esse nível de água doce lançada constantemente no canal do mangue prejudica as espécies nativas do local, e faz com que elas desapareçam”, disse.

A Companhia Espírito Santense de Saneamento (Cesan) informou, em nota, que o esgoto coletado no bairro Goiabeiras é tratado na estação de Camburi.

Segundo a assessoria, o esgoto lançado no manguezal é prove-

niente de imóveis não ligados às redes de tratamento.

A companhia está construindo novas redes para complementar o sistema de esgotamento sanitário do bairro, inclusive com a construção de uma elevatória ao lado da antiga Colchoaria Paris.

Quem não está ligado à rede pode solicitar o serviço pelo 115.

ONDE ESTÁ A URNA

Sugira uma reportagem

Os moradores de Goiabeiras, em Vitória, podem sugerir matérias e reivindicar melhorias para o bairro. Basta depositar as dicas na urna do projeto **A Tribuna com Você**, que está na Banca Goiabeiras, na avenida Fernando Ferrari, praça de Goiabeiras.

CARACTERÍSTICAS CULTURAIS

De pai para filha

Uma tradição que passa de pai para filho em Goiabeiras é a banda de congo. São cerca de 50 homens e mulheres de todas as faixas etárias, que se reúnem semanalmente para dançar e reforçar uma das características culturais do bairro.

A aposentada Teresa Barbosa dos Santos, 70 anos, é um exemplo da tradição. Ela aprendeu com o pai e ensinou para os três filhos.

“A batida do tambor mexe com a gente. Só deixo de dançar quando eu morrer”, contou Teresa.



TERESA ensinou congo a filhos



EONETE aprendeu ofício com a avó

Arte em barro

Há 26 anos trabalhando com barro, a paneleira Eonete Alves Correia, 58 anos, reforça a ideia de que as panelas de barro de Goiabeiras são mais uma característica cultural do Estado.

Ela aprendeu a técnica no quintal de casa quando ainda era criança, através da avó. Hoje, produz 20 panelas por dia, e a renda garante o sustento da família.